

CRÍTICA SOCIAL EM *MORTE E VIDA SEVERINA*

José Neres¹

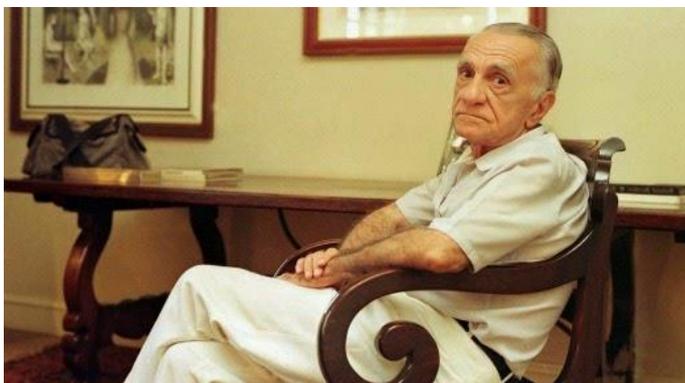
INTRODUÇÃO

Escrito entre 1954 e 1955, **Morte e Vida Severina** é um dos mais belos poemas do Modernismo brasileiro e um dos mais bem elaborados da Língua Portuguesa. A saga do homem que sai de sua terra natal em busca de um lugar melhor para sobreviver e, durante o trajeto, começa a perceber que as desigualdades sociais vão muito além do fato de uma região ser ou não castigada pela seca, pois mesmo onde há aparente fartura de recursos naturais o homem continua sendo explorado por outros homens.

Trata-se de uma obra de caráter bastante crítico e socialmente engajada na qual os diversos ritmos acompanham as sequências narrativas e a cadência da relação das personagens com o enredo e com os acontecimentos vividos e compartilhados com o leitor.

Lembramos sempre que o contato com este trabalho não substitui a leitura integral do livro.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO – O ENGENHEIRO DA POESIA



João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade do Recife, a 9 de janeiro de 1920 e faleceu no dia 9 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro, aos 79 anos. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 15 de agosto de 1968, tomou posse em 6 de maio de 1969. Foi recebido por José Américo.

Filho de Luís Antônio Cabral de Melo e de Carmen Carneiro Leão Cabral de Melo. Parte da infância de João Cabral foi vivida em engenhos da família nos municípios de São Lourenço da Mata e de Moreno. Aos dez anos, com a família de regresso ao Recife, ingressou João Cabral no Colégio de Ponte d'Uchoa, dos Irmãos Maristas, onde permanece até concluir o curso secundário. Em 1938 frequentou o Café Lafayette, ponto de encontro de intelectuais que residiam no Recife.

Dois anos depois a família transferiu-se para o Rio de Janeiro mas a mudança definitiva só foi realizada em fins de 1942, ano em que publicara o seu primeiro livro de poemas - "Pedra do Sono".

No Rio, depois de ter sido funcionário do DASP, inscreveu-se, em 1945, no concurso para a carreira de diplomata. Daí por diante, já enquadrado no Itamarati, inicia uma larga peregrinação por diversos países, incluindo, até mesmo, a República africana do Senegal. Em 1984 é designado para o posto de cônsul-geral na cidade do Porto (Portugal). Em 1987 volta a residir no Rio de Janeiro.

A atividade literária acompanhou-o durante todos esses anos no exterior e no Brasil, o que lhe valeu ser contemplado com numerosos prêmios, entre os quais - Prêmio José de Anchieta, de poesia, do IV Centenário de São Paulo (1954); Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras (1955); Prêmio de Poesia do Instituto Nacional do Livro; Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; Prêmio Bienal Nestlé, pelo conjunto da Obra e Prêmio da União Brasileira de Escritores, pelo livro "Crime na Calle Relator" (1988).

Em 1990 João Cabral de Melo Neto é aposentado no posto de Embaixador. A Editora Nova Aguilar, do Rio de Janeiro, publica, no ano de 1994, sua "Obra completa".

A um importante trabalho de pesquisa histórico-documental, editado pelo Ministério das Relações Exteriores, deu João Cabral o título de "O Brasil no arquivo das Índias de Sevilha". Com as comemorações programadas neste final do século, relacionadas com os feitos dos navegadores espanhóis e portugueses nos anos que antecederam ou se seguiram ao descobrimento da América, e, em particular ao do Brasil, a pesquisa de João Cabral assumiu valor inestimável para os historiadores dos feitos marítimos, praticados naquela época.



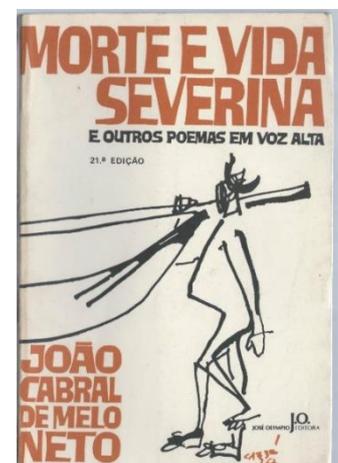
Da obra poética de João Cabral pode-se mencionar, ao acaso, pela sua variedade, os seguintes títulos: "Pedro do sono", 1942; "O engenheiro", 1945; "O cão sem plumas", 1950; "O rio", 1954; "Quaderna", 1960; "Poemas escolhidos", 1963; "A educação pela pedra", 1966; "Morte e vida severina e outros poemas em voz alta", 1966; "Museu de tudo", 1975; "A escola das facas", 1980; "Agreste", 1985; "Auto do frade", 1986; "Crime na Calle Relator", 1987; "Sevilla andando", 1989.

Em prosa, além do livro de pesquisa histórica já citado, João Cabral publicou "Juan Miró", 1952 e "Considerações sobre o poeta dormindo", 1941.

Os "Cadernos de Literatura Brasileira", notável publicação editada pelo Instituto Moreira Salles - dedicou seu Número I - março de 1996, ao poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, com selecionada colaboração de escritores brasileiros, portugueses e espanhóis e abundante material iconográfico.

Fonte: Site da Academia Brasileira de Letras

OBRAS: Poesia: Pedro do sono, 1942; Os três mal-amados, 1943; O engenheiro, 1945; Psicologia da composição com a Fábula de Anfion e Antiode, 1947; O cão sem plumas, 1950; Poemas reunidos, 1954; O Rio ou Relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à Cidade do Recife, 1954; Pregão turístico, 1955; Duas águas, 1956; Aniki Bobó, 1958; Quaderna, 1960; Dois parlamentos, 1961; Terceira feira, 1961; Poemas escolhidos, 1963; Antologia poética, 1965; Morte e vida Severina, 1965; Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta, 1966; A educação pela pedra, 1966; Funeral de um lavrador, 1967; Poesias completas 1940-1965, 1968; Museu de tudo, 1975; A escola das facas, 1980; poesia crítica (antologia), 1982; Auto do frade, 1983; Agrestes, 1985; Poesia completa, 1986; Crime na Calle Relator, 1987; Museu de tudo e depois, 1988; Sevilha andando, 1989; Primeiros poemas, 1990; J.C.M.N.: Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto, (org. Antonio Carlos



Secchin), 1994; Entre o sertão e Sevilha, 1997; Serial e antes, 1997; A educação pela pedra e depois, 1997.

Prosa: Considerações sobre o poeta dormindo, 1941; Juan Miró, 1952; A Geração de 45 (depoimento), 1952; Poesia e composição / A inspiração e o trabalho de arte, 1956; Da função moderna da poesia, 1957; Obra completa (org. por Marly de Oliveira), 1995; Prosa, 1998.

A interessante escolha lexical de João Cabral de Melo Neto para compor o título de seu poema *Morte e Vida Severina* remete a um jogo de palavras em que Severina tanto pode referir-se a Severino, quanto à condição de severidade em que as personagens estão envolvidas

JOÃO CABRAL E A CRÍTICA LITERÁRIA

Excetuando-se **Morte e Vida Severina**, raros são os poemas de João Cabral de Melo Neto que encontram ressonância no público leitor menos afeito à poesia. Considerado um poeta cerebral, o autor de **Cão sem Plumas** se notabilizou por produzir metáforas que vão além do convencional e por evitar concessões às facilidades rítmicas e sonoras. No entanto, a crítica especializada sempre o considerou um dos mais completos escritores da literatura brasileira.

O professor Antonio Carlos Secchin comenta em um de seus trabalhos que a crítica costuma situar João Cabral de Melo Neto ao lado de Carlos Drummond de Andrade como dois dos maiores nomes da poesia brasileira. Porém o mesmo estudioso também lembra que:

João Cabral é poeta muito valorizado, mas talvez insuficientemente lido em sua complexidade; dele só se divulga *Morte e vida Severina*, sucesso extraordinário, talvez o livro brasileiro de poesia com maior número de edições em menor lapso de tempo. A obra, publicada em 1956, já ultrapassou o montante de 50 edições, o que, para um mercado tão refratário à poesia, é absolutamente espantoso (SECCHIN, 2003, p. 74).

Por outro lado, o crítico piauiense Assis Brasil (1979) considera que João Cabral estava um passo na frente de Carlos Drummond de Andrade no que se referia à pesquisa com a linguagem, considerando-o um “arquiteto do verso”. Ítalo Moriconi, ao estudar a poesia brasileira do século XX, coloca a poesia de João Cabral entre as melhores já produzidas nas letras brasileiras.

O professor e crítico literário Massaud Moisés considerava João Cabral um poeta inovador que desde sua estreia, em 1942, já vinha cortando as amarras da poesia com os reflexos da poesia modernista de 1922 e de 1930. O crítico lembra também que o “visualismo” é uma das maiores características da obra cabralina. Diz Moisés (1993, 426) que:

Visualista por excelência, é a visão o sentido com que se prende às coisas, ou ao qual se reduzem as sensações auditivas, tácteis ou olfativas. Visualismo estreitamente associado ao gosto pela descrição, denuncia uma vocação de prosador ou de dramaturgo, que os dois autos – *Morte e Vida Severina* e *Auto do Frade*, onde verte seu pensamento participante – tão bem exemplificam. Afinal, a despoetização trai o projeto de continuar a fazer poesia sem os alicerces tradicionais da emoção e da melodia. Essa aspiração, no entanto, nem sempre se concretiza sem pôr em risco a poesia.

MORTE E VIDA SEVERINA: UMA SÍNTESE

De modo geral, a “história” contada em Morte e Vida Severina é bastante simples. Trata-se na saga de um retirante chamado Severino, que sai de sua terra Natal, na “Serra da Costela, limite com a Paraíba”, em busca de um local melhor para viver. Aparentemente, esse homem não tem mais ninguém na vida e, na condição de retirante, passa por diversos lugares, sempre encontrando elementos que lembram a seca e a morte.



Logo no começo de sua jornada, depara-se com o cortejo fúnebre que conduz à cova um camponês – também chamado Severino – que foi assassinado por causa de conflito de terra. Em sua trajetória, Severino encontra muitas dificuldades, passa por terras arrasadas pela seca, mas que antes eram férteis, e encontra pessoas prósperas que ganham a vida com o advento da seca. Quando finalmente se aproxima de seu destino, o retirante percebe que o fato de haver água em abundância, terra fértil e plantações não é o suficiente para dar condições justas para os trabalhadores em geral.

Após presenciar o sepultamento de outro lavrador, Severino toma consciência de que a única terra a que o trabalhador terá direito é o espaço correspondente à sua cova. Decepcionado, após perceber que os retirantes são vistos como obstáculos até mesmo para o trabalho dos coveiros, o rapaz decide que é hora de pôr fim à própria vida. Escolhe o rio Capibaribe para matar-se. Porém, ao chegar, encontra seu José, um mestre carpinteiro que espera a notícia da chegada de seu filho. Severino vai conhecer a criança, e seguindo os conselhos de Seu José, decide desistir do suicídio e passar a lutar não apenas pela própria vida, mas também pela igualdade social.

Atenção!!!

Morte e vida Severina é uma homenagem às várias literaturas ibéricas: os monólogos do Retirante temem comum com o romanceiro ibérico o uso do heptassílabo e a assonância; a cena dos Irmão das Almas homenageia o romance catalão do conde Arnaut; a cena do velório é pernambucana; a da mulher na janela é um poema narrativo em português arcaico incorporado ao folclore pernambucano. A cena dos coveiros e, curiosamente, escrita em verso livre, quem sabe com a intenção de continuar, de levar adiante uma conquista modernista, o diálogo do Retirante com Mestre Carpina segue os processos da tenção galega; o resto é “romance” castelhano. O nascimento de Cristo se tornou um fato realista; a cena dos presentes, como outras, tem relação com os autos pernambucanos do século passado. As ciganas estão nos autos antigos, prevendo o futuro nascimento da criança. Estão em Pereira da Costa, na obra sobre o folclore pernambucano. (OLIVEIRA, 1995, p.18)

ESTRUTURA DO POEMA

Morte e Vida Severina é um poema dramático dividido em 18 (dezoito) partes, cada uma delas iniciada por uma espécie de subtítulo que serve como guia para o leitor saber qual o conteúdo central do tópico. Desse modo, a seguir temos cada uma dessas partes.

- 1) O retirante explica ao leitor quem é a que vai ;
- 2) Encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos “Oh irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!”;
- 3) O retirante tem medo de se extraviar por que seu guia o rio Capibaribe cortou com o verão ;
- 4) A casa a que o retirante chega estão cantando excelências para um defunto enquanto um homem do lado de fora vai parodiando as palavras dos cantadores ;
- 5) Cansado da viagem o retirante pensa interrompê-la por uns instantes procurar trabalho ali onde se encontra ;
- 6) Dirige-se a mulher na janela de depois descobre trata-se de quem se saberá;
- 7) O retirante chega Zona da Mata que o faz pensar outra vez em interromper a viagem;
- 8) Assiste ao enterro de um trabalhador de oito e ouve o que dizem do morto os amigos que levaram ao cemitério ;
- 9) O retirante resolve apressar os passos para chegar logo ao Recife ;
- 10) Chegando ao recife, o retirante sempre disse para descansar ao pé de um muro alto e caído e ouvi sem ser notado a conversa de dois coveiros
- 11) O retirante aproxima-se de um dos cais do Capibaribe ;
- 12) Aproxima-se do retirante o morador de dos mocambos que existem entre cais e água do rio ;
- 13) Uma mulher, da porta de onde saiu o homem, anuncia-lhe o que se verá
- 14) Aparecem e se aproxima da casa do homem vizinhos, amigos, duas ciganas, etc.;
- 15) Começam a chegar pessoas trazendo presentes para o recém-nascido ;
- 16) Fala mais de duas ciganas que haviam aparecido com os vizinhos ;
- 17) Fala os vizinhos, Amigos, Pessoas que vieram com presentes, etc.;
- 18) O carpina fala com retirante que esteve de fora, sem tomar parte em nada

O poema segue uma estrutura que mescla um monólogo inicial com diálogos constantes entre as diversas personagens, mas sempre com foco em Severino. As demais personagens, embora importantes, servem mais para a composição de um cenário de desolamento, solidão e também de esperança do que como contraposição ao protagonista.

O poema é quase integralmente escrito em redondilha maior, ou seja, versos com sete sílabas poéticas, conforme pode ser visto abaixo:

1	2	3	4	5	6	7	
O	meu	no	me é	Se	ve	ri	(no)
não	te	nho	ou	tro	de	pi	(a)
co	mo há	mui	tos	Se	ve	ri	(nos)
que é	san	to	de	ro	ma	ri	(a)
de	ram em	tão	de	me	cha	mar	
Se	ve	ri	no	de	Ma	ri	(a)

É importante também lembrar que o poema é carregado de forte musicalidade e que traz as nuances híbridas que remetem aos três gêneros clássico: o lírico (com a estrutura de um poema); o dramático (pois trata-se de uma peça teatral) e o narrativo, que derivou do épico (com a narração da saga do protagonista), tudo isso distribuído em cinco partes bem delimitadas:

1) Apresentação	Aparece logo no início do texto, quando o protagonista apresenta a si próprio, o espaço e tempo.
2) Complicação	A principal complicação do enredo do poema é a decisão do protagonista de exilar-se de sua terra.
3) Peripécias	As peripécias aparecem ao longo de quase todo o poema, compondo um cenário em que a personagem principal se sente cada vez menos confortável em estar no mundo. Os episódios da ladainha, da mulher à janela, o enterro do lavrado, a conversa entre os coveiros e o encontro com o mestre carpinteiro servem para o desenvolvimento do enredo.
4) Clímax	É o ponto alto do texto quando José decide cometer o suicídio, dividindo espaço com o nascimento do menino, que ninguém sabe se sobreviverá até o dia seguinte.
5) Desfecho	É o final do texto, que remete à tomada de decisão de Severino.

SETE TEMAS SOCIAIS EM MORTE E VIDA SEVERINA

Muitos são as temáticas trabalhadas por João Cabral de Melo Neto em seu **Morte e Vida Severina**. A seguir serão discutidas sete delas, que aparecem diluídas ao longo do poema e às vezes apresentam ponto de concentração em determinadas passagens do poema. A seguir, temos comentários e fragmentos dos textos relativos a cada uma delas.

Severino é menos um personagem que um modelo condensado do que na vida doutros, que não falam nem representam, de fato sucede. (LIMA, 1995, 268).

INDÚSTRIA DA SECA

A seca é um dos principais problemas enfrentados pelos nordestinos. Ao longo da história do Brasil, muitos foram os projetos para tentar reverter essa situação. Quase sempre, porém, o dinheiro destinado a esses projetos foi mal aplicado ou desviado, servindo para o enriquecimento de muitas pessoas e instituições que se apropriavam da verba.

No episódio em que Severino conversa com a mulher que está à janela, em determinado momento, quando o retirante pergunta se há emprego para ele naquele lugar, a mulher responde do seguinte modo:

— Como aqui a morte é tanta, só é possível trabalhar nessas profissões que fazem da morte ofício ou bazar. Imagine que outra gente de profissão similar, farmacêuticos, coveiros, doutor de anel no anular, remando contra a corrente da gente que baixa ao mar, retirantes às avessas, sobem do mar para cá. Só os roçados da morte compensam aqui cultivar, e cultivá-los é fácil: simples questão de plantar; não se precisa de limpa, de adubar nem de regar; as

estiagens e as pragas fazemos mais prosperar; e dão lucro imediato; nem é preciso esperar pela colheita: recebe-se na hora mesma de semear.

Deixando claro que há pessoas que sobrevivem graças ao grande número de mortos na cidade ela e outras pessoas mantêm uma boa condição de vida.

REFORMA AGRÁRIA

Outro tema recorrente no poema é o da reforma agrária, ou seja, redistribuição da terra para as pessoas que possam trabalhar no campo, produzindo mais bens de consumo e promovendo o desenvolvimento. João Cabral de Melo Neto, em seu poema, defende essa teoria em vários momentos do livro, denunciando a grilagem e deixando claro que o trabalhador não terá possibilidade de realizar o sonho de ter sua terra

— Essa cova em que estás, com palmos medida, é a cota menor que tiraste em vida. — É de bom tamanho, nem largo nem fundo, é a parte que te cabe neste latifúndio. — Não é cova grande, é cova medida, é a terra que querias ver dividida. — É uma cova grande para teu pouco defunto, mas estarás mais ancho que estavas no mundo.

— Trabalharás uma terra da qual, além de senhor, serás homem de oito e trator. — Trabalhando nessa terra, tu sozinho tudo empreitas: serás semente, adubo, colheita. — Trabalharás numa terra que também te abriga e te veste: embora com o brim do Nordeste. — Será de terra tua derradeira camisa: te veste, como nunca em vida.

VIOLÊNCIA NO CAMPO

Em vários pontos do Brasil são tratados como comuns os casos em que um fazendeiro patrocina a morte de donos de pequenas propriedades próximas às fazendas. No poema, João Cabral elabora a metáfora da ave-bala para representar esse tipo de crime e mostrar que o latifundiário não admite o crescimento dos pequenos proprietários. No episódio da ladainha do Irmão das Almas, essa crítica fica muito bem evidenciada, conforme pode ser visto abaixo:

— E foi morrida essa morte, irmãos das almas, essa foi morte morrida ou foi matada? — Até que não foi morrida, irmão das almas, esta foi morte matada, numa emboscada. — E o que guardava a emboscada, irmão das almas e com que foi que o mataram, com faca ou bala? — Este foi morto de bala, irmão das almas, mas garantido é de bala, mais longe vara. — E quem foi que o emboscou, irmãos das almas, quem contra ele soltou essa ave-bala? — Ali é difícil dizer, irmão das almas, sempre há uma bala voando desocupada. (...)

— E era grande sua lavoura, irmãos das almas, lavoura de muitas covas, tão cobiçada? — Tinha somente dez quadras, irmão das almas, todas nos ombros da serra, nenhuma várzea. — Mas então por que o mataram, irmãos das almas, mas então por que o mataram com espingarda? — Queria mais espalhar-se, irmão das almas, queria voar mais livre essa ave-bala.

MOVIMENTO DO CAMPO PARA AS CIDADES

Embora o texto seja focado na figura de Severino, fica evidenciado que esse homem representa toda uma massa de nordestinos que emigram de suas terras em busca de serviço e de um lugar mais ameno para si e para sua família.

Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra.

FOME

A situação de seca tem como uma das consequências a fome que se espalha entre as pessoas. Em vários momentos do livro, o autor lembra que a fome é um fator determinante das atitudes dos homens, que acabam encarando esse problema com uma espécie de consciência resignada, mas na qual cabe o sentimento de revolta.

— Finado Severino, quando passares em Jordão e o demônios te atalharem perguntando o que é que levas... — Dize que levas cera, capuz e cordão mais a Virgem da Conceição. — Finado Severino, etc... — Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação. — Finado Severino, etc... — Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves. — Uma excelência dizendo que a hora é hora. — Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora. — Duas excelências... -...dizendo é a hora da plantação. — Ajunta os carreadores... -...que a terra vai colher a mão.

É a fome também que influencia Severino na decisão de cometer o suicídio. No episódio em que conversa com José, o autor demonstra como essa situação pode ser trabalhada artisticamente na metáfora da ponte, como pode ser visto a seguir:

— Seu José, mestre carpina, para cobrir corpo de homem não é preciso muito água: basta que chega o abdome, basta que tenha fundura igual à de sua fome. — Severino, retirante pois não sei o que lhe conte; sempre que cruzo este rio costumo tomar a ponte; quanto ao vazio do estômago, se cruza quando se come. — Seu José, mestre carpina, e quando ponte não há? quando os vazios da fome não se tem com que cruzar? quando esses rios sem água são grandes braços de mar?

SOLIDARIEDADE

Em vivendo em situações adversas, as personagens do poema, em muitos momentos contam com a solidariedade como forma de manter o equilíbrio social, ou pelo menos tentar. Severino, mesmo cansado da exaustiva viagem, não se furta em ajudar a carregar a rede para aliviar o peso dos demais caminhantes. Da mesma forma, no nascimento do menino, as pessoas mais carentes levam presentes para o recém-nascido, desejando-lhe um futuro melhor que o de seus pais, parentes e vizinhos.

— Minha pobreza tal é que não trago presente grande: trago para a mãe caranguejos pescados por esses mangues; mamando leite de lama conservará nosso sangue. — Minha pobreza tal é que coisa alguma posso ofertar: somente o leite que tenho para meu filho amamentar; aqui todos são irmãos, de leite, de lama, de ar. — Minha pobreza tal é que não tenho presente melhor: trago este papel de jornal para lhe servir de cobertor; cobrindo-se assim de letras vai um dia ser doutor. — Minha pobreza tal é que não tenho

presente caro: como não posso trazer um olho d'água de Lagoa do Cerro, trago aqui água de Olinda, água da bica do Rosário.

MORTE E VIDA EM SUAS DIVERSAS FACES

A morte é uma presença constante no poema, desde o título até seus mais profundos meandros. Em um lugar em que

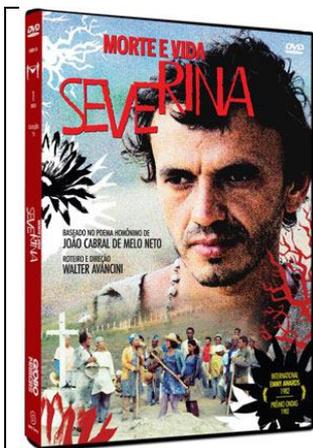
morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).



A morte ronda a personagem ao longo de todo o poema. Contudo não apenas o protagonista se vê na iminência da morte. Todos os retirantes passam pelo mesmo problema e sabem que podem ser vítimas de emboscada, da fome, de sede, de doenças variadas. Os lexemas utilizados pelo autor – cemitério, defunto, enterro, cova, encomendar, etc - rementem o tempo todo para a presença da morte, às vezes, da morte em vida, como é o caso de Severino.

Porém a criança que nasce aparece como um símbolo de resistência, de vida, como ocorre na parte final do poema:

— Severino, retirante, deixe agora que lhe diga: eu não sei bem a resposta da pergunta que fazia, se não vale mais saltar fora da ponte e da vida; nem conheço essa resposta, se quer mesmo que lhe diga é difícil defender, só com palavras, a vida, ainda mais quando ela é esta que vê, Severina mas se responder não pude à pergunta que fazia, ela, a vida, a respondeu com sua presença viva. E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida; como a de há pouco, franzina; mesmo quando é a explosão de uma vida Severina.



Em outras linguagens

O poema Morte e Vida Severina foi adaptado para o cinema em 1977 pelo cineasta Zelito Viana, que assina o roteiro e a direção do filme. A montagem do filme/musical é praticamente fiel ao livro e contou com a presença de atores como Tânia Alves, José Dumont, Elba Ramalho, Stênio Garcia e Jofre Soares.

Está também disponível na internet uma animação gráfica produzida pela TV Escola em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco, com roteiro baseado nos quadrinhos de Miguel Falcão e a direção geral de Afonso Serpa.

COMENTÁRIOS FINAIS

Morte e Vida Severina é um livro que mescla poesia, narração e teatro, tratando de temas polêmicos e que podem suscitar debates de diversos tipos. Mesmo escrito há cerca de sete décadas, a mensagem do texto continua atual, bem como sua linguagem. De modo bastante metafórico, mas, ao mesmo tempo, bastante cru e direto, o poeta faz inúmeras denúncias sociais e mostra que a poesia pode ser engajada e tentar fazer um mundo melhor para todos.

Por ser um auto, a abordagem religiosa é obrigatória, porém o autor soube mesclar com bastante maestria o lado social e as mensagens voltadas para a metafísica, discutindo ideologias e alertando para o fato de que a beleza poética pode ser encontrada até mesmo nos temas mais duros.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Assis. **Dicionário Prático de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

LIMA, Luiz da Costa. **Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1994.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Modernismo**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: breve introdução a uma leitura de sua obra. In: MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1994. P. 15-24.

SECCHIN, Antônio Carlos. **Escritos sobre poesia e alguma ficção**. Rio de Janeiro: EdUerj, 2003.

ⁱ José Neres - Professor da rede pública e da rede particular de ensino do Maranhão.